


Atos languageiros de ironia sarcástica: considerações argumentativas em linguística textual

Language acts of sarcastic irony: argumentative
considerations in textual linguistics

Mônica Magalhães Cavalcante¹ 

Mariza Angélica Paiva Brito² 

Maria da Graça dos Santos Faria³ 

¹Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.

²Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira, Redenção, CE, Brasil.

³Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, Brasil.

E-mails: monicamc02@gmail.com; marizabrito02@gmail.com; gracafaria@hotmail.com

RESUMO: Neste trabalho, ponderamos sobre algumas características das interações que fazem uso de ironia sarcástica, vista aqui como uma estratégia argumentativa que só pode ser interpretada tendo em conta a totalidade da unidade de sentidos em contexto. Nosso objetivo é elaborar uma análise de textos contendo ironia linguisticamente marcada por processos referenciais e intertextuais. Os exemplos analisados, integrantes do domínio discursivo midiático, são ilustrativos da hipótese de que é necessário considerar, na interpretação da ironia, os aspectos interacionais (HUTCHEON, 2000), o circuito comunicativo, no qual deve ser contemplada a presença do terceiro, além de locutores e interlocutores; a heterogeneidade enunciativa e o cruzamento de pontos de vista; as redes referenciais na orientação argumentativa e os apelos intertextuais. Verificamos, ainda, as hipóteses de que a ironia tem como traço constitutivo o recurso à intertextualidade, com base nas reflexões de Sperber e Wilson (1990) sobre “menções” diretas e indiretas; a ironia só pode ser adequadamente analisada tendo em vista sua ocorrência na unidade de comunicação e de sentido em contexto amplo, que é o texto. Só na completude da interação em contexto o fenômeno da ironia pode ser inteiramente abarcado.

PALAVRAS-CHAVE: Ironia, Aresta crítica, Intertextualidade, Contexto.

ABSTRACT: In this work, we consider some characteristics of interactions that make use of sarcastic irony, seen here as an argumentative strategy that can only be interpreted taking into account the totality of the unit of meanings in context. Our objective is to elaborate an analysis of texts containing irony linguistically marked by referential and intertextual processes. The analyzed examples, part of the mediatic discursive domain, are illustrative of the hypothesis that it is necessary to consider, in the interpretation of irony, interactional aspects (HUTCHEON, 2000), the communicative circuit, in which the presence of the third party must be contemplated,

COMO CITAR

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; FARIA, Maria da Graça dos Santos. Atos languageiros de ironia sarcástica: considerações argumentativas em linguística textual. *Revista da Anpoll*, v. 54, n. 1, e1900, 2023. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1900>

in addition to of speakers and interlocutors; the enunciative heterogeneity and the crossing of points of view; the referential networks in the argumentative orientation and the intertextual appeals. by Sperber and Wilson (1990) on direct and indirect “mentions”; irony can only be adequately analyzed in view of its occurrence in the unit of communication and meaning in a broad context, which is the text. Only in the completeness of the interaction in context the phenomenon of irony can be fully embraced.

KEYWORDS: Irony, Critical Edge, Intertextuality, Context.

1 Introdução

Em um trecho inicial de sua obra, Linda Hutcheon (2000) comenta: “a ironia ‘acontece’ (e esse é o verbo que eu penso que melhor descreve o processo)” (HUTCHEON, 2000, p. 16). Essa constatação se mostrou para nós como um significante que salta: a ironia só pode ser adequadamente analisada tendo em vista sua ocorrência na unidade de comunicação e de sentido em contexto amplo, que é o texto. Só na completude da interação em contexto o fenômeno da ironia pode ser inteiramente cercado.

O título deste trabalho fala propositalmente de sarcasmo, mas o que temos investigado é o que poderia ser talvez chamado de “ironia sarcástica”. Conforme Haiman (1998), existiria diferença entre *sarcasmo* e *ironia*. A distinção seria marcada pelo caráter intencional, pois, ao passo que poderia haver situação interpretada como ironia sem que o locutor tencionasse ser irônico, o sarcasmo só poderia ser atribuído a pessoas que tivessem tido tal intenção. Porque, nas palavras do autor:

- Situações podem ser irônicas, mas só pessoas podem ser sarcásticas;
- As pessoas podem ser não intencionalmente irônicas, mas o sarcasmo não pode ser feito sem intenção. (HAIMAN, 1998, p. 20).

Por essa reflexão, preferimos reservar à concepção de sarcasmo um tipo de função, passível de ser flagrada por variados gestos languageiros que convencionalmente apontem para a zombaria, produzida com intencionalidade. O que daria particularidade ao sarcasmo seria o tom mordaz ou zombeteiro, geralmente usado para expressar desprezo, desdém ou crítica de maneira agressiva e insultante. É por seu modo ácido de comunicação que ele sempre se associa ao ato irônico.

Todavia, o tom sarcástico não é o único traço descritivo da ironia, porque a ela costuma estar relacionado um sentido oposto, uma duplicidade de sentidos. Ainda que já se tenha pesquisado a ironia por perspectivas semântico-pragmáticas, ou por abordagens do dialogismo e das heterogeneidades enunciativas, é da possibilidade de descrição desse fenômeno no âmbito dos estudos textuais que nos ocupamos neste trabalho.

2 Um pouco do estado da arte

Não começaremos esta pequena resenha retrocedendo aos filósofos que, bem cedo, despertaram para a ironia. No entanto, importa frisar que, desde Platão, a ironia era encarada como uma atitude e, não à toa, foi pelo método maiêutico de Sócrates que o termo grego *eironeia* firmou seu significado de “ação de perguntar fingindo ignorar”.

Já iniciaremos pelo tratamento dado à ironia na retórica, mais para esclarecer que não a consideraremos como um tropo, que se define por um desvio do “sentido literal”, porque não lidamos com literalidade, tal como entendia a teoria dos atos de fala. Também não a consideramos apenas como uma figura retórica, mesmo que ela sempre vá constituir, como toda figura de linguagem, uma estratégia de persuasão.

Para ser tomada como um fenômeno textual, a ironia pode ser analisada como um jogo de duas redes referenciais que conflitam em um texto, o qual atualiza uma prática genérica contextualizada num cenário que incorpora valores e crenças.

Como nas figuras de pensamento, a ironia pode envolver uma discrepância entre o que é dito e o que é realmente pretendido, criando um efeito de surpresa e de contraste. Ela pode ser empregada para criticar, ridicularizar ou expressar descontentamento de forma indireta.

Por ser esse fenômeno linguístico multifacetado, a ironia desperta interesse e debate em diversas áreas do conhecimento. No campo da linguística, estudiosos têm se dedicado a compreender e analisar as características e funções da ironia como uma forma peculiar de comunicação. A natureza paradoxal da ironia desafia as abordagens tradicionais da linguística e demanda uma investigação mais aprofundada, pois as abordagens tradicionais analisam a superfície textual, o contexto, enquanto que a ironia precisa ser analisada contextualmente.

Deixaremos de lado o que Muecke (1995) chamou de “ironia observável”, aquela que corresponderia a situações que se apresentariam como irônicas por si mesmas. Como explica Camila Alvarce (2009), Muecke cita um trecho da Odisseia, em que Ulisses retorna a Ítaca e, sentando-se disfarçado de mendigo em seu próprio palácio, escuta um dos pretendentes dizendo que Ulisses jamais poderia regressar, e ironicamente ele ali estava, sem poder “estar”. Interessam-nos tão-somente as ironias que Muecke chamaria de “instrumentais” (ainda que o autor as restrinja a fenômenos verbais), porque, para nós, contêm uma intencionalidade atribuída ao locutor por quem a interpreta.

Entre os estudiosos da pragmática, vale menção a pesquisa de Dan Sperber e Deirdre Wilson (1990), cuja Teoria da Relevância oferece uma explicação para a ironia como uma estratégia comunicativa explicável, pragmática e cognitivamente, pela explicitação do “eco” das proposições que não são ditas. Para explicar cada situação de ironia, seria necessário explicitar, mencionar os sentidos não ditos. Não concordando com a classificação da ironia meramente como um tropo, os autores alegam:

Na concepção clássica, a existência de um “tom irônico” torna-se bastante singular. Por que não existe também um “tom metafórico”, um “tom sinedóquico” etc.? Na concepção das ironias como menções, o tom irônico inscreve-se naturalmente entre os diversos tons (dubitativo, aprovador etc.) por meio dos quais o locutor pode marcar sua atitude diante do enunciado ou do pensamento que ele ecoa” (SPERBER; WILSON, 1990, p. 15).

Para Austin (1990), a ironia provoca efeitos perlocucionários, porque pode levar ao constrangimento, à ridicularização. Grice (1975), ao propor o princípio de cooperação e desenvolver a ideia de implicatura conversacional, já apontava a ironia como um ato indireto de fala, uma ruptura proposital a uma das máximas conversacionais, quando o sentido pretendido não correspondia ao conteúdo proposicional do dito, para a obtenção de efeitos outros.

De acordo com Brown e Levinson (1978), o ato de fala irônico viola a máxima da qualidade¹, pois o locutor afirma aquilo que sabe não ser verdadeiro. Há, como se percebe, uma ideia consensual de que, na ironia, diz-se alguma coisa quando se quer dizer outra.

Goffman, em seu livro “A Apresentação do Eu na Vida Cotidiana” (2011), mostra como as interações sociais são encenadas como performances teatrais, em que os indivíduos desempenham papéis e constroem uma fachada para moldar a percepção dos outros. A ironia, por sua natureza contraditória e ambígua, pode ameaçar essa fachada, pois pode levar a uma interpretação equivocada ou ofensiva por parte do interlocutor.

Fernandes (no prelo), ao analisar desdobramentos nas teorias pragmáticas da polidez e da impolidez, destaca que Culpeper (2011) toma a ironia como um “princípio de segunda ordem, que permite ao falante ser impolido quando parece ser polido” (CULPEPER, 2011, p. 142). É como uma metaestratégia de falsa polidez, ou de polidez insincera, para persuadir o outro. A autora menciona a seguinte situação interacional como exemplo:

[...] em uma conversa entre uma atendente de telemarketing e uma cliente, esta última, visivelmente irritada, fala: “minha querida, não tem negócio de boa tarde não!”², em resposta a um desejo de boa tarde da atendente. O uso da expressão “minha querida” é claramente irônico e impolido, embora a expressão em destaque seja reconhecida como convencionalmente polida e educada. (FERNANDES, no prelo).

No campo da análise dialógica dos discursos, Beth Brait (2008) propõe uma consideração da ironia relacionada ao cruzamento de discursos que atravessam um enunciado irônico. A autora discute o exemplo do ex-presidente brasileiro Fernando Collor de Melo, que ocupou o cargo de 1990 a 1992. O exemplo é apresentado na manchete da primeira página do jornal *Folha de S. Paulo*, datada de 07 de janeiro de 1991. A manchete traz a frase destacada “Governo apela ao setor privado para evitar descontrole” (BRAIT, 2008, p. 44), acompanhada de uma foto descontraída do ex-presidente Collor, vestindo trajes esportivos. Marques (2016, p. 52) retoma esse exemplo e o explana da seguinte forma:

No exemplo mencionado, o objeto do dizer comum a ambos os textos era o presidente Fernando Collor e a noção de descontrole; no entanto, enquanto no texto verbal falava-se do presidente na tentativa de evitar descontrole econômico, o presidente é retratado, no texto não verbal, em uma posição corporal ‘descontrolada’ do ponto de vista político e institucional (tendo em vista o cargo por ele ocupado), ao se posicionar com braços e pernas abertos – embora a fotografia tenha sido feita em um momento de atividade física, seu deslocamento para a seção econômica do jornal dota a imagem dessa inadequação. É, desse modo, a interferência do campo da atividade física sobre o campo político e institucional que leva a incongruência e a consequente estruturação da ironia (MARQUES, 2016, p. 52).

¹ Na verdade, não se deve afirmar aprioristicamente que máxima será violada, porque depende dos usos no texto. Além disso, é possível que mais de uma máxima seja transgredida.

² Esse trecho foi retirado do vídeo intitulado “Atendente de Telefone – Suricate Seboso”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=37K4lR1Xy0Ieab_channel=SuricateSeboso. Acesso em: 23 ago. 2023.

Mesmo que toque em fenômenos intertextuais, o foco de Brait é seguramente o contraste dialógico de vozes, que denunciam formações discursivas distintas.

Neste trabalho, a perspectiva que privilegiamos é a de Linda Hutcheon (2000), ainda que se situe na crítica literária. A autora explora a ironia como uma ferramenta estética e retórica que desafia as convenções e normas culturais. Um aspecto fundamental do trabalho de Hutcheon é sua ênfase na intertextualidade e na interação entre o texto e o contexto sociocultural. Ela argumenta que a ironia é um recurso literário e artístico que permite aos criadores e intérpretes subverterem as expectativas do público, questionarem suposições culturais e exporem contradições e ambiguidades. A ironia, segundo Hutcheon, desempenha um papel crítico na análise e desconstrução de discursos dominantes, revelando as complexidades e contradições presentes nas estruturas de poder e nas narrativas sociais.

Algumas dessas ideias foram utilizadas na dissertação de Marques (2016), intitulada *Recursos de ironia em interações digitais*, com o propósito de analisar aspectos interacionais da ironia em gêneros do ambiente digital.

Nosso objetivo é discutir a ironia não como um fenômeno em si mesmo, que seria reconhecível por suas marcas linguísticas, apenas por traços semânticos, mas sim, por um conjunto de aspectos textual-interacionais e discursivos. Vamos considerar que o fenômeno da ironia, do ponto de vista linguístico-textual, que analisa todo o circuito comunicativo, será visto sob a condição de ser sarcástico. Para evitar redundâncias, trataremos o fenômeno simplesmente como *ironia*.

3 Características da ironia

É a tese de que a ironia deve ser abordada respeitando toda a “cena” em que ela acontece que nos une à reivindicação de que uma análise linguístico-textual desse fenômeno linguageiro seria bastante apropriada. Hutcheon (2000) defende que “a ironia acontece como parte de um processo comunicativo” (HUTCHEON, 2000, p. 33), por isso carece, sobretudo, considerá-la nas relações entre intenções e interpretações. Orientam as considerações aqui tecidas algumas características da ironia propostas pela autora, que resumimos assim:

- a aresta crítica;
- a complexidade semântica;
- a intencionalidade atribuída;
- os conhecimentos compartilhados;
- e os marcadores textuais do contexto.

3.1 A aresta crítica

A característica fundamental da ironia é o que Hutcheon chama de aresta crítica – um traço avaliador negativo, cheio de sarcasmo, que diferencia a ironia de tropos, como a metáfora, e os trocadilhos. É por ter sempre uma aresta crítica que a ironia é capaz de desafiar as normas culturais e políticas. Pode ser utilizada como uma ferramenta de crítica social, permitindo que os interlocutores exponham contradições, ambiguidades e hipocrisias presentes nas estruturas de poder e nas narrativas sociais.

Pelo uso irônico, é possível transmitir mensagens de descontentamento, sátira e crítica, muitas vezes de forma indireta, desafiando as visões de mundo dominantes e convidando o outro a questionar e reinterpretar. Vejamos a Figura 1:

Contexto fictício: Imagine um trecho de um romance distópico em que a protagonista, que vive em uma sociedade opressiva, está em uma situação perigosa e é confrontada por um oficial do governo que está abusando de seu poder. Então ela responde: "Claro, senhor oficial, sua crueldade é realmente um exemplo brilhante de como manter a ordem e a paz em nossa tão amada sociedade."

Figura1 – Romance distópico – abuso de poder.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Neste exemplo produzido, podemos observar que a aresta crítica se estabelece quando a protagonista, em meio ao perigo, usa a ironia para criticar a autoridade opressiva do oficial do governo. Ela responde sarcasticamente com uma declaração que aparentemente acata o abuso de poder, mas na verdade crítica e expõe a injustiça. Desta forma, a declaração da personagem locutora apresenta uma discrepância semântica entre o dito e o pretendido. Enquanto as palavras podem parecer uma concordância superficial com o oficial, a intencionalidade atribuída ao locutor por quem interpreta o ato irônico é claramente irônica, criticando a crueldade e a injustiça do sistema.

Para alcançar a intencionalidade, o interlocutor precisa inferir que a mulher não está realmente concordando com o oficial, mas sim usando de ironia para expressar seu descontentamento e criticar a autoridade opressiva. A intencionalidade por trás da declaração irônica é atribuída à personagem. Os conhecimentos compartilhados são um importante veículo para o interlocutor entender o contexto distópico e a opressão existente nessa “sociedade fictícia”. A entonação, a escolha de palavras e a situação de perigo podem ser marcadores textuais que indicam a presença da ironia. O interlocutor pode perceber a sutil diferença na maneira como as palavras são proferidas e entender que há um significado irônico por trás da declaração da protagonista. A entonação é marcada quando estamos diante de uma situação face a face, mas pode se expressar na escrita e na enunciação digital de outras formas³, dentre elas os sinais de pontuação e os recursos imagéticos.

³ Como afirma Hutcheon (2000): “Outros marcadores são **fônicos**: limpar a garganta, mudar o registro de voz [...], alterações de velocidade ou ênfase em certas palavras. Marcadores tipográficos e sinais de pontuação **gráficos** não são muito mais diretos, já que todos eles também têm funções que não são irônicas, e por isso dependem completamente do contexto para um enquadramento apropriado: aspas duplas e simples, itálicos, diacríticos, pontos de exclamação, pontos de interrogação, travessões, elipses, parênteses” (HUTCHEON, 2000, p. 223).

3.2 Uma complexidade não apenas semântica, mas sobretudo referencial

A “complexidade semântica”, de que fala Hutcheon (2000), resulta de uma discrepância entre o significado da proposição e os sentidos tencionados. É por isso que a ironia desafia as expectativas de quem interpreta. Dizemos “quem interpreta” porque nem sempre o locutor planeja o ato irônico para ser “captado” pelo interlocutor a quem fala diretamente. Por vezes, o locutor já projeta que o interlocutor não alcançará a oposição de sentidos da ironia feita para desqualificá-lo, mas que um outro participante (até mesmo o terceiro) assim o fará. Hutcheon chama de “interpretador” aquele que recupera (ou reconstrói) a ironia. Do mesmo modo, o alvo da ironia (aquele que se pretende atingir) nem sempre é o próprio interlocutor, mas um outro participante da interação, que poderá não ter certeza sobre o efeito irônico.

Hutcheon valoriza sobremaneira o ato de interpretação da ironia, a ponto de defender que só existe ironia se ela for interpretada como tal. É quem interpreta a atitude como irônica que atribui ao locutor uma intenção sarcástica. Assim como na semiolinguística de Charaudeau (2008), a linguística textual lida sempre com “efeitos possíveis”, não com certezas interpretativas. Quem interpreta a ironia precisa inferir que o sentido irônico é, em algum ponto, oposto ao significado aparente. A ironia requer alguma perspicácia. Semanticamente, não se trata, por isso, apenas de um tipo de tropo, de figura literária. Porque, conforme argumenta Hutcheon, diferentemente da metáfora, por exemplo, a ironia tem arestas e pode deixar as pessoas irritadas; ela sempre tem um “alvo”, uma vítima. Esse caráter ácido não é uma mera consequência do ato de ironia, pois é constitutivo dela, o que não acontece com os outros tropos.

Para nós, seria mais apropriado falar de complexidade referencial, não apenas de complexidade semântica. Se é muito evidente que a ironia dispara sentidos a mais, muito além do que é dito e se opondo a algum aspecto desses sentidos, é porque pelo menos duas isotopias entram em concorrência na interpretação da ironia. E é pela possibilidade dessas diferentes trilhas de sentido engatilhadas no ato irônico que propomos que elas sejam comprovadas pela reconstrução de “redes referenciais” conflitantes. Quando num tuíte um internauta afirma, verbalmente, que um dado episódio político o deixou “triste” e, simultaneamente, exibe uma imagem de queima de fogos, os referentes de tristeza e de comemoração se confrontam em redes referenciais distintas, que conduzem a trilhas isotópicas opostas. Soltar fogos alude amplamente a inúmeros textos que relacionam essa ação a práticas de festejo e de alegria. A complexidade não é estritamente semântica, mas sobretudo referencial, pelos objetos de discurso articulados no texto para levar o possível interpretador a entender que o referente tristeza é incompatível com a rede referencial de fogos, comemoração e alegria que a imagem expressa representacionalmente.

3.3 A atribuição de intencionalidade

Quanto à intencionalidade, o terceiro traço dado por Hutcheon, é preciso que quem interpreta a ironia atribua ao locutor a intenção de uma avaliação crítica, como já preconizavam Sperber e Wilson (1990). Não é o caso de dizer que pode haver ironia sem intencionalidade, mas de sustentar que, para existir um ato de linguagem irônico, é imperativo que um participante do circuito comunicativo impute ao locutor uma intencionalidade crítica, operada por

um contraste semântico e referencial. Não compete ao participante que interpreta a ironia apenas captar uma forma preestabelecida para ser irônica. Para Hutcheon:

Não há ironia dada *a priori*, porque ela é sempre um caso de interpretação e de atribuição de intencionalidade. Pode-se atribuir ironia onde ela é intencional – e onde ela não é – ou recusar-se a atribuir ironia onde ela poderia ser intencional é também o ato de um agente consciente. [...] O interpretador como agente desempenha um ato – atribui tanto sentidos quanto motivos – e o faz numa situação e num contexto particulares (HUTCHEON, 2000, p. 29).

3.4 Conhecimentos compartilhados

Sobre os conhecimentos compartilhados, como afirma Hutcheon (2000, p. 139), para que as inferências do ato irônico sejam efetivamente alcançadas por quem interpreta, é necessário que haja “zonas de contato” nas quais os conhecimentos se supõem compartilhados, e nas quais se revelem relações de poder assimétricas. Quem interpreta a ironia precisa ter um certo nível de familiaridade com o contexto cultural, sócio-histórico, mas também particular dos interlocutores, para reconhecê-la.

Dependendo do contexto, a ironia pode levar à desqualificação do outro, justamente por causa de sua aresta crítica. A ironia requer um certo nível de habilidade interpretativa e conhecimento compartilhado entre os participantes da conversa. Se um interlocutor não entender a ironia ou interpretá-la de maneira errada, isso pode levar a mal-entendidos, conflitos ou até mesmo à quebra do clima de paz na interação. Além disso, a ironia também pode ser percebida como uma forma de agressão verbal ou desrespeito, dependendo do contexto e da sensibilidade dos indivíduos envolvidos na interação. Ela pode ser interpretada como uma forma de manipulação ou desprezo pelos sentimentos e opiniões do interlocutor. Isso pode gerar ressentimento, hostilidade e prejudicar a relação entre as pessoas envolvidas. Conforme Goffman (2011), em algumas situações, a ironia também pode ser considerada como uma forma de humor inadequado ou insensível, especialmente quando aborda questões controversas. O uso irônico em temáticas sensíveis pode desencadear reações emocionais negativas e gerar o debate acirrado. Por isso, a contextualização cultural e histórica influencia na prática irônica.

Cumprido, no entanto, destacar que a ironia não é necessariamente prejudicial em todas as interações. Em alguns contextos, quando utilizada com cuidado e em consonância com o conhecimento e a sensibilidade dos participantes, a ironia pode ser uma ferramenta eficaz para transmitir críticas ou estimular o pensamento crítico. É fundamental considerar o ambiente, a relação e as características dos interlocutores ao decidir como utilizar a ironia em uma interação.

3.5 Os marcadores contextuais

No que tange aos marcadores textuais do contexto, conforme Hutcheon (2000), eles podem incluir pistas linguísticas, como entonação, escolha de palavras, expressões faciais e outros recursos linguísticos e paralinguísticos que indicam a presença da ironia. Esses marcadores contextuais são fundamentais para guiar a interpretação da ironia pelos participantes da interação.

Conquanto não consideremos a ironia como um fenômeno estabelecido *a priori* por sua estruturação linguística, devemos reconhecer que há traços semânticos e textuais que a engatilham e que a evidenciam. Difícil é cercá-los; além disso, por mais que essas marcas sejam criteriosamente descritas, é forçoso admitir que elas podem variar bastante de um texto para outro.

4 Análise

Uma das marcas contextuais frisadas por Hutcheon é a intertextualidade. Reflitamos sobre as Figuras 2 e 3.

CCJ

Dino debocha de deputado bolsonarista e compara fala com Terra plana

Ministro Flávio Dino (PSB-MA) explicou que os nomes que aparecem no Jusbrasil não dizem respeito necessariamente a processos contra a pessoa

Por Estado de Minas
28/03/2023 18:48 - Atualizado em 28/03/2023 19:03

O ministro da Justiça Flávio Dino (PSB-MA) zombou da acusação do deputado bolsonarista André Fernandes (PL-CE) de que ele responderia a 277 processos, segundo o Jusbrasil. Dino esteve presente nesta terça-feira (28/3) na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania da Câmara dos Deputados.

Para, em seguida, zombar de André Fernandes. "Dizer com base no Jusbrasil que eu respondo a 277 processos, se insere mais ou menos no mesmo continente mental de quem acha que a Terra é plana."

Enquanto o ministro esclarecia os fatos, os deputados presentes riam e faziam comentários sobre a resposta de Dino a André Fernandes. Um chegou a pontuar "que humilhação".

- [Dino: 'Liberdade de expressão sem responsabilidade é crime'](#)

No comentário do deputado que causou a longa resposta, André Fernandes ironizou o ministro afirmando que acreditava que Dino havia esquecido a quantidade de processos que ele respondia de acordo com o Jusbrasil.

Por fim, Dino explicou que "não respondo, não respondi e não responderei a 277 processos, nem metade, nem cinco, nem três, nem um, diferente do senhor".

Figura 2 – Terra plana bolsonarista
Fonte: Fonte Estado de Minas (2023).

Nesta resposta ao deputado André Fernandes Senador que, desinformado, acusa o Ministro de estar respondendo a 277 processos na Justiça por ter encontrado seu nome na Jusbrasil. Flávio Dino explica que a Plataforma Jusbrasil apenas otimiza de várias formas a rotina dos que operam com o direito. Assim é bastante esperado que nomes de juízes, advogados e outros profissionais a serviço da justiça tenham seus nomes mencionados nessa plataforma.

Para destacar o equívoco, o ministro alude à falta de informação precisa do deputado lançando mão do seguinte raciocínio analógico: dizer, com base na Jusbrasil, que ele responde a 277 processos “se insere mais ou menos no mesmo continente mental de quem acha que a Terra é plana”. É o raciocínio analógico que expande o significado e permite equiparar a ignorância ao fato de se acreditar no terraplanismo. Quebrando propositalmente a máxima da qualidade, o ministro gera a implicatura conversacional e o, ministralude, de forma sarcástica, ao negacionismo, prática compartilhada por bolsonaristas.

Em outra participação no Congresso, o Ministro Flávio Dino responde ao Senador Marcos do Val de forma irônica porque prefere ser da Liga dos Vingadores e não da Swat, aludindo ao ostensivo *bottom* usado pelo Senador Marcos do Val. Em uma entrevista ao perfil @ocafezinho, o Ministro da Justiça explica que usou de “ironia” como um “recurso retórico” para responder a perguntas baseadas em *fakenews*. Não vemos, nesta ocorrência, um significado oposto, peculiar à ironia, tal como estamos propondo neste trabalho. Existe, sim, um tom sarcástico, estrategicamente empregado pelo ministro para se defender de seu adversário. Na tentativa de desqualificá-lo, Dino rompe propositalmente com a máxima da qualidade ao afirmar que Marcos do Val é da Swat, ao passo que ele seria da Liga dos Vingadores. Com isso, incorre numa declaração categorialmente falsa de que o senador é da Swat e que ele, Dino, é dos Vingadores. Segundo Grice (1975), para seguir a máxima da qualidade e ser cooperativo, o locutor não deve dizer o que acreditar ser falso, nem aquilo para o qual não dispõe de evidências. Quando a máxima é rompida de forma deliberada, é porque o locutor está atribuindo semelhanças que espera serem inferidas pelo interlocutor. Como em toda implicatura conversacional particularizada, neste caso, somente o contexto ajuda a delimitar a interpretação pretendida. Vejamos a Figura 3.

Neste exemplo, Flávio Dino recorre a um conhecimento erudito para justificar o uso das metáforas e do tom sarcástico, enfatizando a situação ridícula de um deputado compartilhando desinformação com a coletividade, além de fazer uso de um grande broche na lapela de seu paletó com o emblema da Swat.

O ministro fez uma alusão sarcástica à diferença entre a SWAT (Special Weapons and Tactics), que representa uma força policial encontrada em países como Estados Unidos, e os Vingadores, que são um grupo de super-heróis sempre prontos para defender o país e o mundo contra os vilões. Apesar dos vários memes e notícias com uma montagem da imagem do Hulk, em uma alusão ampla à sua própria compleição física, o Ministro da Justiça disse gostar mais do Homem de Ferro. “Os Vingadores” são uma equipe de super-heróis da *Marvel Comics* sempre atentos ao combate à guerra. O filme faz uma referência aos personagens mais conhecidos, como o Homem de Ferro, Capitão América, Thor, Hulk, Viúva Negra e Gavião Arqueiro. Por meio dessas estratégias argumentativas, Flávio Dino operacionaliza uma das propriedades da modalidade argumentativa polêmica no espaço público, como defende Amossy (2017): a desqualificação do outro.

GUERRA INFINITA

Flávio Dino humilha Marcos do Val, vira meme e reage: "confesso que gostei"

"Se você é da Swat, eu sou um Vingador", disse o ministro ao senador bolsonarista em alusão ao grupo de heróis da Marvel



Flávio Dino humilha Marcos do Val, vira meme e reage: "confesso que gostei". Crédito: [Fotografia: Agence France Press](#)

Por [Marcelo Moller](#) Escrito em **POLÍTICA** em 10/02/2023 - 09:58 hs

Na tarde desta terça-feira (9) o ministro da Justiça, Flávio Dino, participou de uma audiência na Comissão de Segurança Pública do Senado. Assim como em outras audiências, Dino impôs uma série de humilhações aos parlamentares bolsonaristas.

Entre elas, uma teve amplo destaque e repercussão nas redes: quando Flávio Dino respondeu as interpelações e ataques do senador bolsonarista Marcos do Val (Podemos-ES).

"Estas construções mentais que o senhor faz, muito singulares, realmente não têm suporte nos fatos. Este seu olhar criminalizador, agressivo, dedicado a vídeos difamatórios, agressivos, contra mim, obsessivos. "É bom o senhor refletir sobre isso, porque eu sou senador da República, sou ministro de Estado, e estou disposto a enfrentar este debate em qualquer lugar", disse Flávio Dino.

Em seguida, Flávio Dino debochou de Marcos do Val e levou parte dos presentes na audiência aos risos. "Não precisa o senhor ir pra porta do Ministério da Justiça fazer vídeo de internet, porque se o senhor é da Swat, eu sou dos Vingadores, o senhor conhece Capitão América, Homem Aranha, então, é assim que a gente faz o debate democrático", deplorou.

Figura 3 – Guerra infinita

Fonte: Hailer (2023).

Chamamos atenção para o título da notícia “Guerra Infinita”, que faz referência direta a filmes e histórias do universo cinematográfico da Marvel, como Os Vingadores, mas também alude à situação política mencionada sobre o Ministro e suas supostas desavenças com o Congresso Nacional. Essas intertextualidades advêm dos marcadores contextuais do momento político e social em que o povo brasileiro se encontra. Existe uma alusão ampla, que é a retomada indireta de outro texto por pistas contextuais. Essas menções indiretas são recuperadas

pelo conhecimento compartilhado pelos interlocutores e, neste exemplo, dizem respeito às constantes agressões, ao desrespeito e à violência que Flávio Dino vinha sofrendo de bolsoneiros, que o convidavam insistentemente a dar explicação de sua atuação no ministério.

Para Cavalcante (2020), as intertextualidades podem se estabelecer por remissões de diversos tipos ao gênero, ao estilo, à temática, dentre outras (ver também CAVALCANTE, 2022). Uma das principais intertextualidades em “Guerra Infinita” é a conexão com os filmes anteriores da *Marvel Comics*. Os eventos e personagens apresentados ao longo dos filmes individuais dos super-heróis são interligados nesse grande evento cinematográfico. Nessa perspectiva, consideramos como ocorrências intertextuais o diálogo entre (partes de) textos específicos, entre parâmetros de gêneros ou estilo(s) de autor(es), além da remissão mais difusa a um conjunto de textos. Esses recursos intertextuais podem ou não ser reconhecidos pelo interlocutor.

Além disso, “Guerra Infinita” faz referências diretas às histórias em quadrinho da Marvel, que configuram um caso de intertextualidade por transposição. Os fãs de longa data reconhecem momentos e cenas que são diretamente adaptados das páginas dos quadrinhos, criando uma intertextualidade entre as mídias.

Dessa forma, as intertextualidades, um importante marcador contextual das ironias, estabelecem conexões com o universo cinematográfico da Marvel, as histórias em quadrinho e a cultura popular em geral. O locutor através da ironia pode evitar confrontos diretos ou ofensas pessoais, mas ainda assim transmitir seu ponto de vista de forma indireta e até com certo humor, como o fez Flávio Dino. Isso também permite que o locutor se distancie das possíveis repercussões negativas de uma crítica direta, uma vez que a ironia pode ser interpretada como uma forma de comunicação mais “sofisticada”. Essa dinâmica pode ser observada em diversos contextos, como em discussões políticas, debates públicos, sátiras sociais e até mesmo em interações cotidianas.

É importante destacar que a ironia também pode ter um aspecto de autopromoção indireta, quando o locutor se posiciona como “superior”, utilizando-a como uma forma de se destacar e reforçar sua posição. De acordo com Hutcheon (2000): “para o ironista, a ironia significa nunca ter de se desculpar. Você pode sempre se proteger e argumentar (de uma perspectiva intencional) que você estava apenas sendo irônico” (HUTCHEON, 2000, p. 81). Atentemos para um exemplo de ironia, em que o internauta do perfil Coronel Siqueira se blinda de possíveis acusações por estar fazendo humor, conforme a Figura 4:



Figura 4 – Post Coronel Siqueira.

Fonte: Siqueira (2023).

A ironia se deixa marcar pela incompatibilidade insinuada entre a expressão “achei correto” em relação à atitude da Folha de São Paulo e a referência a um vilão do filme Star Wars e a um genocida, como Adolf Hitler. É por esse contraste que se interpreta o tom sarcástico da postagem.

Observe-se como as marcas intertextuais desempenham um papel fundamental na inferência da aresta crítica presente na ironia. O uso de citações parodiadas, as referências a obras literárias, a filmes, a alusão ampla a saberes outros pouco mencionados cotidianamente são todos fenômenos de intertextualidade, como foi demonstrado nas Figuras 2, 3 e 4, que podem contribuir significativamente para a interpretação da crítica irônica.

5 Considerações finais

Para a Linguística Textual, caracterizar a ironia apenas por seu traço de ambiguidade não basta, porque a ele deve se somar uma aresta crítica. Semanticamente, a ironia poderia assemelhar-se à mentira, mas elas se separam porque, ao contrário da mentira, a intenção do ato irônico não é enganar. Assim, pelos traços propostos por Hutcheon (2000), é possível comprovar que é no nível textual, contemplando todos os aspectos do circuito comunicativo, que a ironia pode ser analisada por suas características interacionais e discursivas. Além disso, reafirmamos com Authier-Revuz (2004) e Brait (2008) que a ironia envolve não coincidência de vozes no enunciado e expressa contendas, choques de pontos de vista, por isso ela deve ser considerada um recurso textual argumentativo.

O ato irônico envolve, assim, uma orientação retórico-argumentativa. Perelman e Olbrecht-Tyteca (1996) salientaram o propósito de desqualificação da ironia, “uma arma para quebrar as atitudes dos outros”. Do ponto de vista da microsociologia, a ironia é do âmbito da controvérsia e pode ser inadequada para uma interação pacífica, por ameaçar a fachada do interlocutor (GOFFMAN, 2011).

Consideramos, em Linguística Textual, que a ironia pode ser usada como uma estratégia persuasiva para influenciar o outro. Ao empregar a ironia, o locutor/enunciador primeiro pode tentar minar a credibilidade do adversário e desestabilizar suas convicções, como constatamos nos exemplos analisados.

No entanto, vale ressaltar que a ironia também pode ser uma forma de expressão criativa, de provocar reflexão ou de transmitir ideias de maneira indireta. O contexto, a intenção e a maneira como a ironia é usada são determinantes para avaliar seu impacto.

Amossy (2018) discute a forma como os discursos são construídos para desacreditar e desqualificar o outro, seja em debates políticos, discussões acadêmicas, ou em interações cotidianas. A desqualificação do outro é uma estratégia retórico-discursiva que envolve o uso de diversos recursos discursivos, como a ridicularização, a caricaturização, a generalização simplista, a criação de estereótipos negativos e o questionamento da competência e da moralidade do outro. Essa forma de desqualificação pode ocorrer de maneira direta ou indireta, como na ironia.

Finalmente, devemos alertar para o equívoco de se associar sempre a ironia a estratégias de humor. Como argumenta Hutcheon (2000), ainda que a ironia possa conter humor, não é ele a condição para que ela se efetive. Pode não haver humor, mas precisa, necessariamente, haver uma aresta, uma ponta destinada a incomodar.

AGRADECIMENTOS

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

FUNCAP – Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

REFERÊNCIAS

ALAVARCE, Camila da Silva. *A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.

AMOSSY, Ruth. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.

AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. Universals in language usage: Politeness phenomena. In: GOODY, Esther N. (ed.). *Questions and politeness: Strategies in social interaction*. Cambridge University Press, 1978. p. 56-311.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Linguística textual e argumentação*. São Paulo: Pontes Editores, 2020.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Linguística textual: conceitos e aplicações*. São Paulo: Pontes Editores, 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

CULPEPER, Jonathan. *Impoliteness: using language to cause offence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. (Studies in Interactional Sociolinguistics, series number 28).

ESTADO DE MINAS. Dino debocha de deputado bolsonarista e compara fala com Terra plana. *Estado de Minas*, 28 mar. 2023. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/03/28/interna_politica,1474706/amp.html. Acesso em: 28 mar. 2023.

FERNANDES, Jessica Oliveira. *As redes referenciais na construção do efeito de sentido impolido em comentários do Twitter*. No prelo. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 2011.

GRICE, Paul. Lógica e conversação. In: DASCAL, Marcelo (org.). *Fundamentos metodológicos da linguística: Pragmática – problemas, críticas, perspectivas da linguística*. Tradução de João W. Galdi. Campinas: UNICAMP, 1975. v. IV, p. 81-103.

HAILER, Marcelo. Flávio Dino humilha Marcos do Val, vira meme e reage: “confesso que gostei”. *Forum*, 10 maio 2023. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2023/5/10/flavio-dino-humilha-marcos-do-val-vira-meme-reage-confesso-que-gostei-135640.html>. Acesso em: 10 maio 2023.

HAIMAN, John. *Talk is cheap*. New York: Oxford University Press, 1998.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

MARQUES, Girllayne Gleyka Bezerra dos Santos. *Recursos de ironia em interações digitais: um estudo do gênero compartilhamento de notícias*. 2016. 211 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras-Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

MUECKE, David. *Ironia e o irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SIQUEIRA, Coronel. *Achei correta a folha* [...]. 31 ago. 2023. Twitter: @direitasiqueira. Disponível em: <https://twitter.com/direitasiqueira/status/1697237718882029658>. Acesso em: 31 ago. 2023.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. *Relevance: communication and cognition*. Oxford: Blackwell, 1990.